

**NOTAS SOBRE REPARAÇÃO:  
POÉTICAS E POLÍTICAS DO OLHAR**

**NOTES ON REPAIR:  
POETICS AND POLITICS OF THE GAZE**

Gisele Crisóstomo<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Associado/a/e ANPAP: não

**RESUMO**

Este artigo faz uma costura entre anotações dos sentidos da palavra “reparar”, traçando um caminho para refletir sobre o olhar e seus potenciais. A partir de três significados encontrados no dicionário — reparar como retratar-se, como observar e como reconstruir — faço um percurso que propõe a reeducação do olhar em contextos de resistência às imagens hegemônicas. Em tempos de excesso e aceleração visual, reaprender a olhar com atenção e demora pode ser um gesto político e poético de reparação de si e do mundo.

**Palavras-Chave:** Artes visuais. Cultura Visual. Educação da Cultura Visual. Decolonial.

**ABSTRACT**

*This article weaves together notes on the meanings of the word “to repair”, tracing a path to reflect on the gaze and its potentials. Drawing from three definitions found in the dictionary — to make amends, to observe, and to rebuild — I outline a trajectory that proposes a reeducation of the gaze within contexts of resistance to hegemonic imagery. In times of visual excess and acceleration, relearning to look with attention and slowness can be a political and poetic gesture of repairing oneself and the world.*

**KEYWORDS:** Visual Arts. Visual Culture. Visual Culture Education. Decolonial.



## Introdução

Durante muito tempo da minha vida, tentei me aproximar de um ideal branco, porque era o único que me parecia possível. Ideal que estava presente tanto nas imagens que eu tinha acesso, quanto nas palavras que ouvia, como quando diziam em tom de elogio: “você é quase branca.” Minhas referências de beleza eram mulheres brancas. Até que, certo dia, olhei no espelho e não consegui mais me reconhecer.

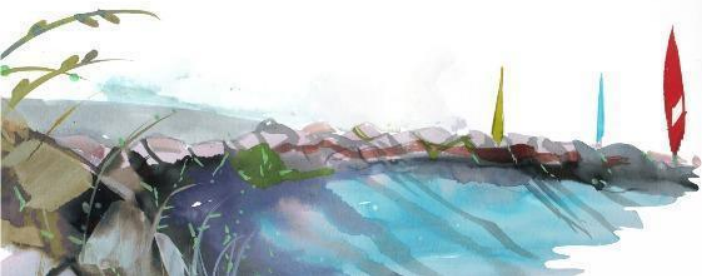
Essa busca por uma imagem que não era minha está ligada a uma estrutura que define quais saberes e existências importam. Como aponta Ribeiro (2019), “quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico”. O modelo de conhecimento eurocêntrico, ao ser instituído como legítimo, não apenas silenciou outras formas de saber, mas também negou a validade de outras experiências de ser e estar no mundo.

A história reconhecida como oficial é a daqueles que tiveram o poder de calar vozes subalternizadas. Lélia Gonzalez, como lembra Ribeiro (2019), nos ajuda a perceber quem tem o direito à fala e quem permanece silenciado à margem.

Essas relações são reforçadas cotidianamente por imagens que se repetem em novelas, filmes, revistas, propagandas e contos de fadas. Imagens que naturalizam papéis sociais para pessoas brancas e negras, normalizando a supremacia branca como algo inquestionável (Bueno, 2020). E se não somos capazes de ler essas imagens, “nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual” (Barbosa, 1998, p.17).

Entendi, em um caminho muito solitário, que precisava reeducar meu olhar, para não mais repudiar as imagens que não estavam dentro dos moldes hegemônicos, incluindo minha autoimagem. Não foi um processo fácil. Não nasci em um contexto de resistência. Foi-me necessária toda uma vida para entender que estava rodeada de imagens que limitavam minha existência e sigo aprendendo todos os dias.

Em meu processo de tornar-me sujeita, em muito tive dificuldade de encontrar lugares em que pudesse me reconstruir. Grande parte das leituras me levaram a questionar e



entender que algo em mim precisava ser reeducado, porém, em poucos casos encontrei exemplos práticos de como e onde vivenciar este processo.

A dor pode ser incrivelmente destrutiva se mantida submersa [...] a dor não reconhecida destrói de forma sutil a vida de muitas pessoas”. Nós, mulheres negras, devemos nos perguntar individualmente: “Onde em nossa vida nós temos espaço para reconhecer nossa dor e expressar o luto?”. Se não podemos identificar esses espaços, então precisamos criá-los. (hooks, 2023, p. 149)

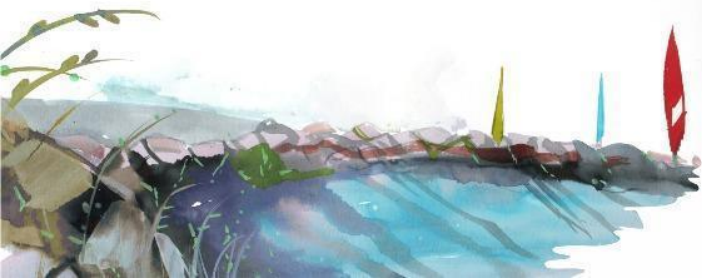
Assim, a temática que se desenrolou durante minha vida, acabou também por se entrelaçar à minha pesquisa de mestrado. Nela, tive a experiência de me aprofundar nesse processo através da minha prática artística, encontrando um lugar para vivenciar minha autorrecuperação (hooks, 2019a). Notei os materiais e cores dos meus trabalhos mudarem conforme mudava a visão de minha própria memória e identidade. Junto a isso, outras questões e imagens se elaboravam. Foi, para mim, um movimento de reparação.

Nesse contexto, uma das minhas principais motivações, enquanto pesquisadora, tem sido pensar em formas de criar ferramentas para que outras pessoas não tenham que passar tanto tempo questionando se há algo de errado, mas que possam localizar o problema e fazer questões que levem à reparação.

É essa palavra — reparar — que guia esta escrita. A partir dela, trago algumas notas e reflexões sobre o processo de reeducação do olhar. Este artigo se organiza a partir de três eixos, cada um correspondente a um significado da palavra reparar: 1. retratar-se, indenizar, compensar; 2. observar, notar, demorar-se no olhar; e 3. restaurar, consertar, reconstruir.

## **Modos de reparar**

A palavra “reparar” tem retornado com frequência aos meus pensamentos. Quando uma palavra persiste, costumo ir ao dicionário para despertar sentidos que o uso cotidiano deixou adormecidos. Entre os muitos significados, três deles se destacaram e me conduziram a pensar sobre as possibilidades de resistir e criar a partir de uma prática artística comprometida com processos de descolonização.



(1)

O primeiro significado que desejo abordar é aquele mais imediatamente associado ao pensar a temática decolonial: "retratar-se de, dar satisfação por; compensar a (alguém ou si mesmo) por dano, prejuízo ou transtorno causado; indenizar(-se), recuperar(-se), ressarcir(-se)" (Reparar, 2025). Começarei por este, visto que a leitura da reflexão aqui tecida pode ser bastante influenciada por ele.

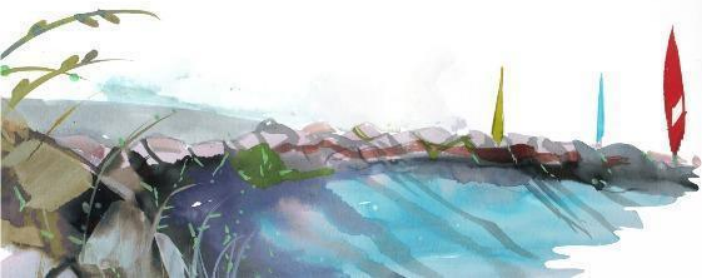
Como diz o poeta Manoel de Barros, "não gosto da palavra acostumada". Em minhas leituras, percebo que o termo "reparação" se acostumou ao sentido de uma cobrança que, de certa maneira, espera algo daquele que precisa se retratar. A reparação como negociação do reconhecimento, como coloca Kilomba (2019), direcionando sua fala à branquitude. Mas o que acontece quando essa reparação não vem?

É claro que, em termos de ideais, gostaria que todas as pessoas tomassem consciência de seus privilégios e devolvessem à risca os frutos das atrocidades cometidas pelas suas raízes genealógicas. Porém, acreditar que esta consciência possa surgir apenas de nossa espera, me aparenta ilusório – e quando digo "espera", não me refiro apenas a não fazer nada, mas, como coloca Anzaldúa (2005), a espera que o outro nos perceba na margem oposta do rio.

Proponho, então, acordarmos a palavra "reparar" para seus outros significados, como verbo de ação, como forma de criar ferramentas para possibilitar reconstruir-se da margem de cá, sem esperar que sejamos reconhecidas por quem acredita ter algum tipo de poder sobre nós. Deixo escapar certa ambição nesta escrita: que, ao nos perceberem, nos encontrem tão conscientes de nós mesmas que sintam desejo de aprender e trocar conosco.

(2)

Nesse contexto, o segundo significado da palavra reparar que coloco para reflexão é: "fixar ou dirigir a vista ou a atenção; notar, observar" (Reparar, 2025). Ver, segundo Didi-Huberman (1998), é uma ação de sujeito. Em um mundo em que aprendemos a



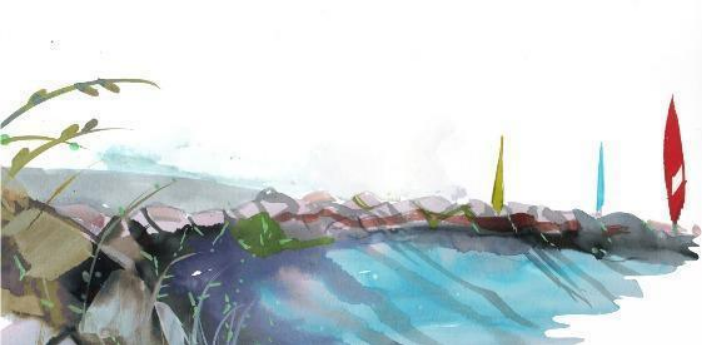
nos conformar como objetos, o olhar tem um enorme potencial emancipatório, capaz de ressignificar nossa relação com nós mesmos e com o mundo.

Nesse sentido, Barbosa (1998) reforça a importância de uma leitura ampla e sensível: não apenas das palavras, mas também dos gestos, das imagens, das necessidades e desejos. Uma leitura que nos envolve a nós mesmos e ao mundo em que vivemos. Para ela, especialmente em contextos onde as imagens circulam de forma massificada e têm o poder de influenciar decisões políticas, a alfabetização visual torna-se fundamental: “num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura é fundamental, e a leitura da imagem artística, humanizadora.” (Barbosa, 1998, p. 35).

Hoje, em que as imagens circulam em excesso, é imprescindível aprender a olhar. Somos constantemente atravessados por imagens: nas redes sociais, nas telas dos celulares, nas vitrines das lojas, no deslizar dos dedos que não param. Nunca fomos tão expostos ao olhar e, ao mesmo tempo, olhamos tão pouco. Nos acostumamos com o excesso. Nesse cenário, aprender a olhar é também um gesto de resistência: significa recuperar a capacidade de perceber o que nos atravessa, de distinguir o que nos é imposto do que desejamos ver, de cultivar um olhar crítico. Significa, ainda, desacelerar o tempo do olhar, permitindo-se ser afetado por aquilo que se vê.

Pensando no recorte decolonial, bell hooks (2019b) destaca que a experiência das mulheres negras espectadoras muitas vezes está condicionada a um olhar colonizado, moldado pelas estruturas dominantes que limitam a forma como percebem a realidade. Segundo a autora, muitas não “veem diferente” porque suas percepções estão profundamente marcadas por sistemas de saber que reforçam desigualdades e invisibilidades (hooks, 2019b). Assim, não basta apenas reconhecer a dominação; é necessário cultivar um olhar opositor, que ativamente resiste e desestabiliza as formas de ver hegemônicas. Esse olhar crítico é uma prática de resistência e autoafirmação.

Esse exercício de atenção e demora no olhar é o que Didi-Huberman (2015) nomeia como “olhar debruçado”. Trata-se de um gesto que vai além do reconhecimento



superficial, que se demora em cada imagem, a questiona, a envolve em uma trama entre o visível e o invisível. É um olhar que não apenas observa, mas que se posiciona, que se localiza em relação ao que é reparado, conferindo significado e abrindo espaço para a reconstrução simbólica e afetiva.

### (3)

O terceiro e último significado da palavra reparar que trago para esta reflexão é o de “pôr em bom estado (o que se havia estragado); restaurar, consertar; efetuar recuperação em; recobrar, restabelecer” (Reparar, 2025).

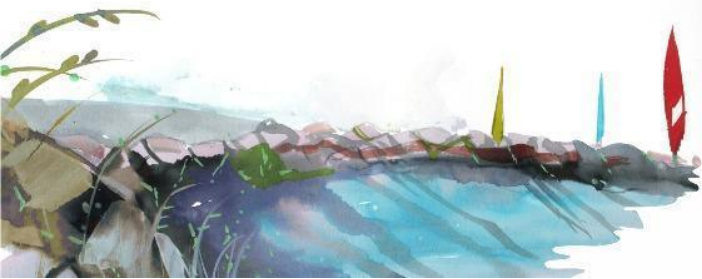
Esse sentido nos direciona para a dimensão da reparação enquanto um processo de reconstrução e cura, não apenas do objeto ou da imagem em si, mas da relação que temos com eles e, sobretudo, com nós mesmos. Quando nos permitimos um olhar demorado, atento e paciente, somos capazes de captar os lampejos sutis que escapam ao olhar apressado: os rastros, as fissuras, as marcas do que foi apagado mas ainda nos convida a nos aproximar. Reparar como forma de reconstruir os sentidos e criar novas formas de existir.

### **Conclusões**

Pensar o processo de reeducação do olhar, especialmente para pessoas cujas identidades foram distorcidas pelas imagens hegemônicas que nos cercam, exige que também pensemos o tempo do olhar — como aprendemos a ver, o que nos ensinaram a ignorar, quanto tempo dedicamos ao que nos convoca a olhar. Em um tempo de excessos, em que as imagens se movem com tamanha velocidade, talvez resistir esteja justamente no gesto de permitir-se a demora.

Ao longo deste texto, busquei entrelaçar três sentidos da palavra reparar como eixos de reflexão: reparação como movimento que reivindica a própria história, reparar como olhar atento e como consertar o que foi percebido.

Na minha prática artística, encontrei um lugar possível para reeducar o meu olhar: onde pude me demorar, escutar os vestígios, inventar o que faltava e dar forma às



perguntas que me atravessam. Agora, meu desejo é compartilhar e encontrar maneiras de proporcionar esta experiência para outras pessoas. Assim, após esta escrita, uma pergunta insiste: como evocar esse outro tempo, o tempo que permite um olhar demorado, através das relações que propomos através da arte e com o mundo?

## Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Tópicos utópicos. Belo Horizonte, MG: Editora/Arte, 1998

BUENO, Winnie. Imagens de Controle: um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk Editora, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Pensar debruçado. Lisboa: KKYM, 2015.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. Olhares negros: Uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2019b.

hooks, bell. Irmãs do iname: mulheres negras e autorrecuperação. Editora WMF, 2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

REPARAR. In: MICHAELIS. Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br> - Acesso em: 15/06/2025.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala (Feminismos Plurais). Editora Jandaíra. Edição do Kindle.

## Notas

1. Artista visual e pesquisadora. Doutoranda na linha Educação, Arte e Cultura Visual no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0654965104971845>